



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

Bullying e desempenho escolar: leituras e compreensões

Maria José Oliveira Duboc
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
mariaduboc2016@gmail.com

Susana Couto Pimentel
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
scpimentel@ufrb.edu.br

Jislane Ribeiro Carneiro
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
carneirojis123@gmail.com

André Luís Gomes de Matos
Secretaria de Educação do Estado da Bahia
matosfsa@gmail.com

RESUMO

O presente artigo, recorte da pesquisa “Violência Escolar: discriminação, *bullying* e responsabilidade”, tem como objetivo analisar a compreensão de professores sobre o *bullying* e, mais especificamente, identificar o perfil dos envolvidos nessas ações (os agressores, as vítimas e os observadores), bem como a relação entre violência (sofrida e praticada) e desempenho escolar. A metodologia empregada foi de cunho qualitativo e os dados foram levantados através de entrevista semiestruturada com professores de Língua Portuguesa, Artes e Educação Física que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental. Os resultados da pesquisa apontam que os professores compreendem de forma parcial a situação de *bullying*, identificam as vítimas e os agressores, mas não mencionam os observadores que, diante do papel que exercem, carecem de ser visibilizados. Por sua vez, a violência e o desempenho escolar denotam ambiguidade diante do intelectual e da manifestação das hierarquias oficial e não oficial que se materializam na escola.

Palavras-chave: Violência; *Bullying*; Desempenho Escolar.

Bullying and school performance: readings and understandings

ABSTRACT

This article, part of the research “School Violence: discrimination, bullying and responsibility”, aims to analyze teachers' understanding of bullying and, more specifically, to identify the profile of those involved in these actions (aggressors, victims and observers), as well as the relationship between violence (suffered and practiced) and school performance. The methodology used was of a qualitative nature and the data were collected through a semi-structured interview with teachers of Portuguese Language, Arts and Physical Education who



work in the final years of elementary school. The survey results shows that teachers partially understand the bullying situation, identify the victims and the aggressors, but do not mention the observers who, in face of their role, need to be made visible. In turn, violence and school performance denote ambiguity in the face of the intellectual and the manifestation of official and unofficial hierarchies that materialize at school.

Keywords: Violence; Bullying; School Performance.

1. Introdução

Embora não seja uma temática nova, nos últimos anos a violência tem tomado uma dimensão alarmante na sociedade, sendo reafirmada pelas situações a que os próprios homens são submetidos em suas interações. Diante dessa conjuntura, a violência tem sido compreendida como resultado de condições psicológicas, sociais e culturais que reverberam nas relações humanas e nas instituições.

Devido ao agravamento da violência e seus efeitos negativos para o desenvolvimento e para a saúde mental dos envolvidos, essa temática tem se constituído preocupação de educadores, pais, alunos, entre outros, e tem demandado interesse de estudiosos como Crochik (2016), Crochik; Crochik (2017), Martins (2005), Fante (2005), que buscam melhor entendê-la e também enfrentá-la.

Em se tratando da escola, dentre as formas de violência que se manifestam no seu interior, o *bullying* tem ganhado destaque devido, dentre outros fatores, à sua repercussão na vida dos envolvidos. Conforme Fante (2005) e Martins (2005), o *bullying* é um fenômeno que compreende um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas sem motivação evidente, realizadas a alvos que se submetem a tais agressões, trazendo consequências negativas para os envolvidos.

Diante de tal fenômeno crescente, compreendemos que a escola tem o grande desafio de estimular a formação de posturas mais solidárias, colaborativas e cordiais, com vistas a possibilidade de convivência humana mais pacífica como sinaliza Crochik; Crochik (2017). Tais ações são necessárias para que a escola consiga ressignificar as relações sociais existentes em seu interior e considere os efeitos do *bullying* não apenas como um problema dos estudantes, mas ressignifique a relação com os professores, conforme pontuam Palácios e Rego (2006) e acrescentamos também a relação com a comunidade escolar e familiar.

Impõe-se, pois, a relevância da reflexão crítica sobre a compreensão do *bullying* e dos diversos papéis exercidos nele. Estamos nos referindo ao ciclo de agressão mais comum verificado entre os envolvidos nesse tipo de violência, como sinalizam Antunes e Zuin, (2008), representado pelo agressor, a vítima e os/as observadores (as), denotando assim, a



complexidade do problema que pode trazer graves consequência para os envolvidos e para a comunidade em geral, o que nos leva a inferir que seja essa uma das causas possíveis da atualidade deste tema.

Nesse sentido, consideramos pertinente tomar como foco de estudo este tema, e, para tanto, fizemos um recorte da pesquisa, “Violência Escolar: discriminação, *bullying* e responsabilidade”, de autoria do Professor José Leon Crochik, que está sendo replicada pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Especial/GEPEE, vinculado a Universidade Estadual de Feira de Santana, do qual somos membros.

Neste estudo tivemos como objetivo analisar a compreensão das professoras sobre o *bullying* e, mais especificamente, identificar o perfil dos envolvidos no *Bullying* (os agressores, as vítimas e os observadores), bem como a relação entre violência (sofrida e praticada) e desempenho escolar segundo as professoras.

Para tanto, o texto se pauta sobretudo, em referenciais da teoria crítica e dados empíricos colhidos em quatro escolas da rede pública de ensino da cidade de Feira de Santana, Bahia, com base em uma metodologia de abordagem qualitativa, com vistas a compreender uma das dimensões da violência que ocorre nas escolas.

2. Referencial Teórico

A violência é algo que ocorre historicamente, trata-se, portanto, de uma “preocupação social antiga e própria de uma sociedade conflitante e, mais do que isso, contraditória. Os seus membros, que pertencem às classes sociais distintas, têm interesses divergentes, o que os leva frequentemente ao confronto”, conforme defende Crochik (2012, p. 213). Segundo o autor em tela, a violência envolve condições inerentes ao homem e aquelas em que os próprios homens são submetidos, abrangendo determinantes psicológicas e sociais.

Para Adorno (1995), a violência se manifesta de várias maneiras e se coaduna com as hierarquias sociais que classificam os indivíduos em inferiores e superiores, comandantes e submissos, ricos e pobres. Essa classificação pode gerar diversas formas de violência e uma delas é o *bullying*, termo esse de origem inglesa e que não possui tradução direta para a Língua Portuguesa. Em geral, o *bullying* é compreendido como atitudes agressivas, intencionais e frequentes, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por uma ou mais pessoas contra outro(s) dentro de uma relação desigual de poder. (LOPES NETO, 2005; FANTE, 2005; CROCHIK, 2012; 2016; 2017).

O *bullying* pode ocorrer de forma direta ou indireta. A primeira forma se caracteriza



como um conjunto de ações explícitas, tais como agressões físicas e verbais e a segunda através de comportamentos não explícitos e quase imperceptíveis, por exemplo, excluir intencionalmente ou espalhar rumores, conforme Martins (2005) e Fante (2005). São exemplos de atos agressivos diretos: pôr apelidos desagradáveis, insultar, fazer comentários racistas, homofóbico, gordofóbico, de cunho preconceituoso, entre outros, já o indireto caracteriza-se por excluir de grupos, segregar, espalhar boatos destrutivos da reputação, manipular e difamar (ANTUNES E ZUIN, 2008; FANTE, 2005).

Além disso, é preciso considerar os diferentes papéis exercidos pelos envolvidos na prática do Bullying, conforme pontuam Antunes e Zuin (2008, p. 34):

Intimidadores (líderes ou seguidores), as vítimas (passivas, agressivas provocadoras, e vítimas que também intimidam outros) e os não participantes (os que reforçam a intimidação, os que participam ativamente dela e que poderiam entrar na categoria de intimidadores seguidores, aqueles que apenas observam, e os que defendem o colega ou buscam por ajuda).

O agressor é alguém que impõe autoridade por meio de ações coercitivas, combinadas à força física e/ou psicológica, demonstrando a necessidade de poder e dominação. Autores como Antunes (2008) e Fante (2005) afirmam que o agressor não carece necessariamente de causa ou motivo aparente para manifestar comportamentos agressivos e, ao se destacar dos demais colegas, também pode vir a ser tomado por eles como modelo a ser seguido. Em acréscimo Crochik; Crochik, (2017) dizem ainda, que os autores do bullying em geral são os que têm pouca preferência social, mas com alta popularidade.

As vítimas são aquelas com baixo escore na popularidade e na preferência entre pares (CROCHIK; CROCHIK, 2017) e pode ser inclusive, estudantes considerados com bom desempenho escolar. De acordo com Levandoski e Luiz Cardoso (2013), o fato é que estes recebem as ações agressivas, sejam elas, diretas ou indiretas, físicas ou psicológicas, sem tê-las motivado e costumam ser a pessoa mais frágil e apresentar alguma característica que difere do padrão estabelecido pela sociedade.

A dinâmica do bullying se complementa com os sujeitos que testemunham os atos de violência. Comumente os observadores são aqueles que riem, olham a situação e não fazem nada, xingam o tempo todo, chamam mais pessoas para assistir a cena ou os que tomam a iniciativa de proteger e ajudar a vítima que está sendo agredida e, ainda, há aqueles que, ao testemunharem as agressões, procuram se afastar por sentirem medo de serem as próximas vítimas.

Segundo Fante (2005), os especialistas consideram como causa do bullying tanto a imposição de limites de forma rígida, quanto a ausência ou descaso com os limites.



Contraditoriamente ambas as atitudes têm desdobramentos iguais: o de não possibilitar a formação adequada da consciência moral, ou do supereu, conforme denomina a psicanálise. A primeira, porque indica a autoridade pautada pelo medo e não por convicção, assim, essa consciência se forma fragilmente e se torna ambígua; a segunda, porque a autoridade não oferece nenhum modelo para que o indivíduo se identifique e, assim, o que se pode ou não fazer é dirigido externamente. Para Freud (1986), os pais permissivos podem formar filhos rígidos por não oferecer uma referência para que possa canalizar os ódios decorrente dos seus desejos.

Então, o bullying expressa diretamente a relação de poder e o desejo de destruir o próximo, ocasionando efeitos negativos em todos os envolvidos. Ostberg (2003) assevera que esta situação social é propícia para o surgimento de sintomas como estresse emocional, originado da associação entre um baixo status e vitimização de ações de bullying e em alguns casos poderá trazer consequência graves para a saúde futura da vítima

Os efeitos danosos são para todos os envolvidos e, conforme Freire, Simão e Ferreira (2006) mencionados por Crochik (2012, p. 219), as vítimas se tornam deprimidas e com baixa autoestima, enquanto os agressores “correm um risco maior de mais tarde se envolverem em outros problemas de comportamento, tais como a criminalidade, o abuso de substâncias aditivas ou o comportamento agressivo em família.” Nessa mesma linha de raciocínio os observadores também sofrem efeitos negativos, o que nos leva a refletir sobre a ocorrência do bullying na escola e seus efeitos no desempenho escolar dos que se envolvem nos atos de violência.

De acordo com os estudos de Juvonen, Wang e Espinoza (2011), Mehta et al. (2013) e Strom et al. (2013), a participação e o envolvimento escolar dos estudantes tende a diminuir com a violência escolar e em decorrência dela, comprometendo o bom desempenho acadêmico e gerando, no que se sente dominado, a percepção de que aquele espaço se constitui como uma espécie de não-lugar (AUGÉ, 2017).

Com base na teoria crítica, Crochik e Chochik afirmam que:

O desempenho escolar e a popularidade são expressões das hierarquias, que na perspectiva aqui adotada, constitui-se em estruturas escolares: a existência de hierarquias escolares, que preparam os alunos para ocuparem seus lugares sociais, e para isso incentivam a competição em ambas, na oficial e na não oficial (2017, p.19).

Segundo esta linha de pensamentos a escola participa da constituição e da manutenção das hierarquias, privilegiando o desempenho escolar, daqueles considerados mais fortes, mais espertos, mais populares e secundarizando àqueles vistos como frágeis, impopulares e pouco espertos, o que pode ser um desencadeador de atos de violência.



Deste modo, é essencial que a escola exerça, na emancipação dos seus membros como destaca Adorno (1995), um papel de resistir a qualquer tentativa à violência que possa se aproximar do homem. Este teórico afirma que a urgência maior da educação hoje é a da “desbarbarização”. Infelizmente o homem, para avançar na civilização, se coisificou tornando-se parte dos objetos a serem manipulados, decorre daí, que cada vez mais a sociedade encaminha e propicia situações em que regressões psíquicas são reforçadas e impedem que uma relação autônoma e democrática ocorra, tal como é o componente narcisista do bullying (CROCHIK; CROCHIK, 2017).

3. Trilha metodológica da pesquisa

A metodologia que norteou esta etapa da pesquisa assentou-se na abordagem qualitativa com a utilização de entrevista semiestruturadas com docentes da educação básica. A pesquisa qualitativa busca dar conta da explicação para os fenômenos a partir da compreensão das relações, crenças e valores. Nesse tipo de pesquisa os dados levantados são predominantemente descritivos (BOGDAN; BIKLEN, 1982), sendo focos de atenção do pesquisador a percepção e o significado atribuídos pelos participantes ao fenômeno investigado.

Nesta pesquisa os roteiros elaborados para as entrevistas contaram com 35 questões. A opção pela entrevista do tipo semiestruturada se deu porque a mesma tem a vantagem de ser flexível e permitir ao pesquisador a inclusão de novas questões, a partir das respostas dos entrevistados, de modo a alcançar os objetivos propostos na investigação.

No município de Feira de Santana - Bahia, a pesquisa foi realizada em quatro escolas da rede estadual que atuam com a oferta dos anos finais do Ensino Fundamental e em cada uma foram entrevistados três professores, sendo um de Língua Portuguesa, um de Artes e um de Educação Física. Entre os 12 docentes participantes 10 eram do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idade entre 36 e 59 anos e tempo de docência entre 11 e 25 anos. Os professores de Língua Portuguesa e Educação Física atuavam em sua área de formação e todos os professores de Artes possuíam formação na área de Letras, sendo onze em Letras Vernáculas e um em Letras com Francês.

No desenvolvimento da investigação foram observados os cuidados éticos, sendo o projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Feira de Santana, conforme Parecer 2.831114. Com vistas a atender os normativos acerca da ética na pesquisa com seres humanos, com base na Resolução nº 466/2012 e da Resolução nº



510, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, foi assinado pelos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Desse modo, as transcrições foram feitas com identificação numérica dos docentes e das escolas, colocando ao final a disciplina que ministra, a exemplo: P8E3EF – professor 8. Escola 3, Educação Física.

Num primeiro momento, as escolas foram contactadas e, após a aquiescência na participação, foram aplicadas as entrevistas com professores que concordaram com a participação na investigação. Cada entrevista foi transcrita e reenviada aos participantes para confirmação dos dados.

Como procedimento de análise de dados foi utilizada a análise de conteúdo a partir da leitura em profundidade das falas dos docentes com vistas ao levantamento de categorias analíticas. Segundo Franco (2007, p. 17) a análise de conteúdo é “utilizada para produzir inferências acerca de dados, verbais e/ou simbólicos, (...) obtidos a partir de perguntas e observações de interesse de um determinado pesquisador”. Nesse sentido, o pesquisador busca significado e sentido a partir da mensagem veiculada por seu interlocutor, participante da pesquisa.

Neste artigo foram analisadas duas categorias: o perfil dos envolvidos com o bullying (agressores, vítimas e observadores) e a relação entre violência (sofrida e praticada) e desempenho escolar.

4. Análise dos dados levantados

4.1. Perfil dos envolvidos com o *bullying*

Nesta categoria são destacados e analisados os resultados da pesquisa referente ao perfil dos envolvidos no *bullying*, abrangendo os agressores, as vítimas e os observadores, segundo a compreensão dos professores. No que diz respeito ao perfil dos provocadores os depoimentos a seguir são ilustrativos das múltiplas formas de compreender este fenômeno:

São alunos mais agressivos, que têm problemas familiares, alguns têm transtornos psicológicos apesar de não ter um laudo constatando. Talvez eles tenham preconceito até consigo mesmo. A gente percebe que rejeitam a si mesmo, criticam... (Trecho da entrevista com P8E3EF)

Acham que são melhores do que os outros, ou talvez julguem o colega incapaz. (Trecho da entrevista com P7E3LP)

Os alunos que praticam o bullying... São os alunos, acho que posso dizer, que são os alunos que estão mal resolvidos consigo mesmo e eles querem desviar a atenção...o foco deles para o colega...e percebem que os outros são mais frágeis e acabam



praticando. (Trecho da entrevista com P9E3ART)

Os alunos que praticam o bullying são aqueles que têm problemas emocionais, são alunos mal resolvidos, principalmente em relação à família, que não têm o apoio familiar; aquele que a família não tá nem aí e que não chega junto, né? Aqueles que são os mais problemáticos da escola, são os que mais aplicam o bullying. (Trecho da entrevista com P2E1EF)

Mas é porque assim, quem comete a agressão e a violência não sente geralmente, sente um prazer. (Trecho da entrevista com P11E4EF)

Como podemos verificar a caracterização dos professores acerca dos que provocam o *bullying* convergem para aqueles alunos considerados “mal resolvidos consigo mesmo” e que “querem desviar a atenção do foco deles para o colega”, ou aqueles que “têm problemas de ordem familiar”, se consideram “superior aos demais”, entretanto, a maior referência é para família, referência feita por cinco professores. Merece destacar, contudo, que P5E2EF por não ter observado nas suas turmas situações de *bullying*, não se sentiu em condições de destacar qualquer característica própria dos provocadores o que vai de encontro as declarações dos demais professores.

De forma geral, o perfil descrito pelos professores encaminha para duas vertentes de abordagem no que diz respeito a autoridade, como mencionado por Fante (2005), de um lado a sua ausência e de outro lado a autoridade exercida de forma rígida e violenta, mas ambas convergem para mesma direção: a formação de uma consciência frágil, ambígua e incapaz de controlar as emoções e agir com autonomia.

O fato é que essas pessoas geralmente, no decorrer do seu desenvolvimento, não adquiriram subsídios psicológicos suficientes para formar a consciência moral, apresentando assim, comportamentos autodestrutivos, agressivos e de violência e “tendem a responsabilizar os outros pelos sofrimentos que recaem sobre si mesmo”, segundo Freud (1986) citado por Crochik; Crochik (2017, p.33).

Sobre os provocados constatamos algumas características físicas, comportamentais, emocionais e institucionais, como indicativos de maior vulnerabilidade às ações dos autores, conforme os professores entrevistados:

Eles [os que sofrem o bullying] na prática que eu vejo são os mais retraídos, são os mais gordinhos, são as meninas que trançam o cabelo, que não é com o próprio cabelo trançado... elas também sofrem o bullying, é a cor da pele, né, é o ser negro ou então é aquela menina muito branquinha que veio de outra cidade pra cá, que tem a voz diferente. Então existem traços que chamam a atenção deles pra que eles façam... (Trecho da entrevista com P2E1EF).

Mas a questão do bullying aí eu acho que é mais pelos traços físicos, chama de secão, porque tem orelha grande aí chama de orelha, a cabeça grande chama de ET, caixa d'água. É mais a parte física. Têm outros nomes que eles dão assim por causa de algum traço físico. O menino que tem uma perna mais curta que a outra, de capenga



(Trecho da entrevista com P10E4LP)

Os gordinhos, os muitos magros, os que tem tendências homossexuais, os que sobressaem nas notas, os que fazem muitas perguntas na sala. Esses costumam sofrer bullying... têm trejeitos que a turma julga que ele tem algum comportamento homossexual. Então eles se incomodam com isso, e aí a pessoa ao invés de reagir, elas ficam como se os colegas tivessem motivos para tratar desse jeito. É como se eles (os alunos aparentemente homossexuais) se envergonhassem daquele jeito. Além disso já observei em alunos com problema na fala... Alunos com deficiência, por exemplo, tenho uma aluna que é do sétimo ano que tem algum problema que a gente ainda não conseguiu diagnosticar (Trecho da entrevista com P6E2ART).

Pelo exposto nas falas dos docentes, a rejeição às diferenças é um fator de ocorrência de *bullying*, de forma que os agressores escolhem e utilizam possíveis diferenças como motivação para as agressões. Antunes e Zuin (2008), a partir da literatura da área, ressaltam que as vítimas do *bullying* comumente são pessoas que têm características físicas, socioeconômica, étnica e preferência sexual específicas, entre eles, ciganos, artistas de circo, estrangeiros, alunos obesos, de baixa estatura, homossexuais. Isso vai ao encontro do que os professores sinalizaram como as vítimas: “os gordinhos, os muitos magros, os que tem tendências homossexuais, os que sobressaem nas notas, os que fazem muitas perguntas na sala.” (P.6E2ART). Mas independentemente dessas características o que foi mais recorrente nas falas dos professores, sete deles, é de que as vítimas são alunos quietos, retraídos, indefesos ou tímidos.

No que se refere a identificação de agressores e vítimas Crochik (2016) adverte que os primeiros são comumente identificados com alguém forte, popular, bom nos esportes e que tem más notas; e as vítimas como fracas, gordas, impopulares e que não se saem bem nos esportes, não é a algo próprio do indivíduo ou da (des)estrutura familiar (CROCHIK, 2016)

Tal identificação decorre ainda das hierarquias sociais e também da instituição escolar que participa da constituição e da manutenção dessas hierarquias, privilegiando o bom desempenho escolar, premiando boas notas e a adaptação do aluno às normas vigentes, e também o desempenho corporal, ambos caracterizáveis como pseudoformação, como nos lembra Adorno (1995).

No *bullying*, como afirmam Antunes; Zuin (2008), há diversos papéis exercidos uma vez que além do agressor e da vítima há ainda os/as observadores que constituem o maior grupo envolvido nesse fenômeno. Trata-se daqueles indivíduos que testemunham os atos de violência, contudo, comumente, não tomam iniciativa em relação ao que presenciam, mas pode estimular os atos de agressão ou até mesmo proteger a vítima. Estes sujeitos não foram mencionados pelos professores o que nos leva a supor que lhes falta maior entendimento do jogo de forças que perpassa o *bullying*.



4.2. Relação entre violência e desempenho escolar

Na análise das entrevistas buscamos nas falas dos docentes evidências sobre a relação entre violência e desempenho escolar, objetivando verificar se a violência, sofrida ou praticada, está relacionada com o desempenho escolar dos alunos que vivenciam o *bullying* como agressores, vítimas ou observadores.

A sociedade, de modo geral, compreende a realidade de forma binária: o bom e o mau, o forte e o fraco, o normal e o deficiente, dentre outras tentativas de explicação das diferenças. A escola, como micro espaço social, também reproduz essas compreensões duais: os mais e menos aptos, os mais e menos inteligentes, os mais e menos fortes e assim por diante. Essas dualidades se expressam em hierarquias que se confrontam e se complementam.

As hierarquias mais reproduzidas atualmente na sociedade são relacionadas ao desempenho intelectual/cultural e ao desempenho físico/força física. Esse modelo hierárquico relaciona-se, ideologicamente, com a reprodução da estrutura de classes descrita por Marx (1984). Outro aspecto a ser dimensionado é que com a evolução do homem, a inteligência foi ganhando *status*, substituindo a força física utilizada para modificar a natureza. Porém, como a necessidade de dominar a natureza não foi superada, segundo Horkheimer e Adorno (1985), a inteligência ainda representa a força na sobrevivência dos mais aptos.

O pensamento expresso por Horkheimer e Adorno (1985) permite inferir que os alunos com bom rendimento escolar são considerados alvos perfeitos dos alunos que não conseguem apresentar o mesmo desempenho, de modo que, no papel de agressores, procuram se destacar de formas diferenciadas para chamar a atenção, através da força física e acabam praticando o *bullying*.

Essa situação tem na escola um espaço para seu fortalecimento quando classifica os piores e os melhores alunos, conforme o rendimento escolar ou segundo as habilidades corporais, referendando assim, a hierarquia oficial e a não oficial, que tornam desiguais as relações entre os estudantes. Importa, assim, que sejam criados mecanismos para a superação dessa situação, em um movimento contrário ao determinado por forças sociais que incentivam o mérito individual e contribui para a reprodução da desigualdade social (PONCE, 1994).

De acordo com as pesquisas de Juvonen, Wang e Espinoza (2011), Mehta et al. (2013) e de Strom et al. (2013), o envolvimento escolar dos estudantes tende a diminuir com a violência escolar, o que dificulta um bom desempenho acadêmico. Essa constatação se repete na presente pesquisa e fica notório nas transcrições a seguir:



(...) aquela pessoa [que sofre o bullying] começa a ficar no cantinho dela, como já aconteceu, como eu te falei de não querer se manifestar muito porque já se intimidou, ela já adquiriu um apelido que ela não gosta, né, que está relacionado à sua aparência. (Trecho da entrevista com P1E1LP).

Alguns [alunos que sofrem bullying] conseguem se desenvolver melhor, mas eu diria que a maioria tem dificuldade de aprendizagem. (Trecho da entrevista com P8E3EF)

Nesse caso os que sofrem o bullying são os que estão com distorção idade-série. Muitas vezes até os que praticam estão na turma de repetentes. Mas ainda assim eles conseguem se achar melhor do que os outros, porque tem, por exemplo, deficiência. (Trecho da entrevista com P 9 Escola 4 LP)

Eu acho que não dá para estabelecer um perfil [dos alunos que praticam bullying] não, tenho lembrança de alguns que realmente tem dificuldades de aprendizagem. Mas outros são até inteligentes, não têm problemas em relação à aprendizagem não, e, mesmo assim, praticam bullying. (Trecho da entrevista com P8E3EF)

Nos casos transcritos, a relação de dominação, exercida pelo agressor sobre a vítima do *bullying*, gera uma intimidação e, conseqüentemente, um sentimento de inadequação que se reflete como isolamento, apatia e ausência de participação ativa nas atividades escolares.

Mas há também referência àqueles que praticam o *bullying* e não têm problema de aprendizagem e ainda os que se destacam nas atividades escolares e são alvos de violência como expressa o depoimento de P8EEFR.

Conforme afirmado anteriormente, as compreensões duais existentes na escola organizam os alunos com base em hierarquias e, portanto, numa relação de dominação. A existência de uma hierarquia onde um estudante se coloca num lugar de dominador pode gerar, no que se sente dominado, a percepção equivocada de que aquele espaço se constitui como uma espécie de não-lugar (AUGÉ, 2017), onde ele não se sente pertencente.

[...] voltando à questão da menina obesa, [...]ele perturbava muito ela, ela chegou à ponto de chorar, pedir pra sair da turma, entendeu? Ela hoje estuda aqui, mas ela já está no primeiro ano do ensino médio. (Trecho da entrevista com P1E1LP).

Por outro lado, existem situações relatadas pelos docentes em que a resposta da vítima do *bullying* foi de enfrentamento da situação nas aulas de Educação Física. Nesses casos, pode-se inferir que a autoconfiança, gerada pela necessidade de ser reconhecido por seu desempenho, pode favorecer outro tipo de relação com a situação de agressão.

Porque aquele gordinho que ele falava que não jogava nada, era aquele que se desempenhava e não tinha vergonha de tá ali no meio deles jogando. Então, assim, hoje eles têm uma boa convivência, mas no começo foi difícil. (Trecho da entrevista com P2E1EF).

Porém, vale registrar que o espaço conquistado pelo aluno na transcrição anterior se coloca como um ponto fora da média nas relações estabelecidas na escola. Outro dado trazido pela pesquisa foi o acolhimento recebido por uma estudante com deficiência sensorial



pelos colegas. Esse acolhimento desencadeia um sentimento de pertencimento ao grupo, impactando positivamente na participação e no desempenho escolar.

(...) no começo ela era retraída por conta da cegueira, né? Então assim uma pessoa muito introspectiva e com o passar do tempo eu consegui acolhê-la e a turma também a acolheu, né, porque ela não nasceu cega, ela ficou cega depois de uma idade por conta de um acidente que aconteceu. Então eu via que os meninos começavam a amadurecer em relação àquela coleguinha que tava ali que de uma certa forma precisava deles. Tipo, a minha aula mesmo no momento nessa sala com ela eu ditava muito pra que ela entendesse, pra que ela percebesse, na hora das atividades eu sempre... ela se inseria num grupo pra poder apresentar, assim como os outros. Então assim eles começaram a ter uma percepção diferenciada, que ela estava ali pra ser acolhida, né, pra ser acariciada por eles e aí eu consegui fazer um trabalho bom em relação... (Trecho da entrevista com P2E1EF).

No entanto, em situações onde estão em jogo questões cognitivas que comprometem a hierarquia intelectual valorizada pela escola, tais alunos não são bem acolhidos pelos colegas, tornando-se vítimas do *bullying*. Isso ratifica o entendimento de que a hierarquia intelectual/cultural reproduz a hierarquia oficial na escola.

Já testemunhei casos de *bullying* aqui algumas vezes, por o aluno ter dificuldades de aprendizagem ou mesmo errar uma pergunta, errar um movimento no jogo, aí o colega criticar ou chamar de burro. (Trecho da entrevista com P8E3EF)

Alguns [alunos que sofrem *bullying*] conseguem se desenvolver melhor, mas eu diria que a maioria tem dificuldade de aprendizagem. (Trecho da entrevista com P8E3EF)

(...) a gente tem a maior dificuldade de trabalhar em grupo aqui, porque só se juntam aqueles que são os mais sabidos ou então os mais idiotas, que ficam separados sem ninguém querer. Então eles se afastam e também os outros também não aceitam no grupo. Então fica difícil trabalhar em grupo por isso, porque na hora de separar o grupo você fala três pessoas, então vão se juntando logo os três mais interessantes, os mais inteligentes, os mais amigos e sempre vão, ficando isolados aqueles que não se dão tão bem quanto os outros em relação ou à deficiência física, mas aqui a gente não tem nem tanto física o que a gente vê mais é em relação à deficiência mental mesmo né? porque você não tem uma ideia para dar num trabalho de grupo, não tem muita participação, aí por conta disso ele já deixa de lado. (Trecho da entrevista com P7E3LP)

Em outras situações, a vítima do *bullying* é o aluno que possui um maior desempenho acadêmico. Segundo Adorno (1995), isso acontece pois a percepção sobre a intelectualidade é ambígua, podendo ser ao mesmo tempo digna de respeito por aquilo que possibilita e desprezada por ser considerada frágil diante da força da mesma natureza que se pretende dominar para que o homem possa sobreviver. Nos excertos a seguir os docentes abordam sobre o bom desempenho escolar dos alunos que sofrem o *bullying*.

[...] aqueles [os que sofrem *bullying*] que sobressaem com boas notas. (Trecho da entrevista com P6E2ART)

[...] então eles veem uma coisinha como se eles pudessem ser melhores do que os outros, quando na verdade, às vezes até a nível de conteúdo às vezes eles se sobressaem mais do aquele que estão fazendo o próprio *bullying*. (Trecho da entrevista com P7E3LP)



os alunos que eram destaque assim ou considerados CDF's, eles estavam sofrendo uma agressão de grupo de alunos [...]. (Trecho da entrevista com P2E4EF).

Esses dados corroboram com o estudo realizado por Levandoski e Luiz Cardoso (2013), em escola de Florianópolis, ao mostrar que bons alunos tendem a ser alvos da violência. Isso pode ser gerado pelo reforço à hierarquia oficial mantida pela escola, através da hierarquia intelectual que distingue os alunos pelo seu desempenho nas disciplinas ministradas. Assim, o bom desempenho nas disciplinas em sala de aula gera competição e, de certo modo, ciúme, associando os bons alunos com os alvos da violência escolar.

Outra hierarquia presente na escola envolve habilidades corporais e força física. Essa hierarquia é considerada por Adorno (1995) como 'não oficial'. Em alguns casos tais alunos podem assumir o papel do agressor em situações de bullying.

Quem pratica *bullying*, justamente esses alunos que se destacam de forma negativa no comportamento e no desempenho também. Outros ficam só criticando, não fazem, porém, ficam criticando. (Trecho da entrevista com P4E2LP)

Muitas vezes até os que praticam estão na turma de repetentes. Mas ainda assim eles conseguem se achar melhor do que os outros, porque tem, por exemplo, deficiência. (Trecho da entrevista com P7E3LP)

São meninos que são repetentes. Eu acho que tentam compensar diminuindo os outros pra se sentir melhor. (Trecho da entrevista com P1E4LP).

Esse dado transcrito acima corrobora com os achados de Crochik (2016) que, em estudo similar, evidenciou que alunos que se destacavam na hierarquia não oficial, relacionada a força física, tenderam a ser autores de atos de agressão, e os que não se destacaram propenderam a ser suas vítimas.

Complementarmente, outro dado relevante trazido nas falas dos professores é que o aluno que obtém bom desempenho escolar pode também assumir um perfil de agressor em situações de *bullying*.

Eu acho que não dá para estabelecer um perfil [dos alunos que praticam *bullying*] não, tenho lembrança de alguns que realmente tem dificuldades de aprendizagem. Mas outros são até inteligentes, não têm problemas em relação à aprendizagem não e, mesmo assim, praticam *bullying*. (Trecho da entrevista com P8E3EF)

Observa-se nos dados apresentados a tendência de que as vítimas de *bullying* são, geralmente, aqueles que apresentam alguma diferença não valorizada pela sociedade e, conseqüentemente, pela escola.

Por outro lado, em todos os casos, as situações de *bullying* estão, em certa medida, relacionadas com hierarquias e competição guiada pela valorização dos que se saem melhor nas atividades avaliadas, reproduzindo-se na escola os valores da sociedade. Assim, a



competição individual é suscitada socialmente e fortalecida na vida escolar.

Por fim, corroborando com Crochik; Crochik (2017), os dados revelaram que alunos que se destacaram na hierarquia oficial não foram, como tendência, indicados nem como autores de agressão. Entre os que não se destacaram na hierarquia oficial havia tanto autores, quanto vítimas de diversos tipos de agressão.

5. Considerações finais

Tratar do *bullying* é uma questão importante e urgente, sobretudo na escola por ser este um dos espaços mais importantes para a socialização das crianças e dos jovens e o segundo ambiente de convívio depois do familiar. Nessa perspectiva, se insere este artigo que tem como objetivo analisar a compreensão de professoras sobre o *bullying* especificamente, no que se refere ao perfil dos envolvidos (os agressores, as vítimas e os observadores) e relação entre violência (sofrida e praticada) e desempenho escolar.

Nesse sentido, os dados da pesquisa permitiram verificar que os depoimentos dos professores convergem para a compreensão de que os provocadores do *bullying* são alunos mal resolvidos consigo mesmo e que querem desviar a atenção deles para o colega, têm problemas de ordem familiar, ou se consideram superior aos demais. Por sua vez, as vítimas são alunos quietos, retraídos, indefesos ou tímidos.

Os professores também pontaram que a dominação exercida pelo agressor sobre a vítima do *bullying* gera uma intimidação e, conseqüentemente, um sentimento de impotência que resulta no isolamento, apatia e ausência de participação ativa nas atividades escolares.

No *bullying*, como afirmam Antunes; Zuin (2008), além do agressor e da vítima há ainda os/as observadores que constituem o maior grupo envolvido. Trata-se daqueles indivíduos que testemunham os atos de violência contudo, muitas vezes não tomam iniciativa em relação ao que presenciam. Estes sujeitos não foram mencionados pelos professores, o que nos leva a inferir que lhes falta clareza de um segmento que participa do *bullying* e tem um papel significativo na dinâmica das agressões.

Conforme afirmado, a escola organiza os alunos com base em hierarquias e, portanto, numa relação de dominação. No que se refere a questões cognitivas aqueles com bom desempenho intelectual são valorizados pela escola e são bem acolhidos pelos colegas, e os que apresentam baixo desempenho são secundarizados, tornando-se quase sempre vítima do *bullying*. Isso ratifica o entendimento de que a hierarquia intelectual/cultural é a hierarquia oficial da escola e reforça a hierarquia não oficial



Entretanto, o aluno que obtém bom desempenho escolar pode ser também um alvo daqueles que não o conseguem e o aluno que se destaca por sua destreza e/ou beleza corporal, pode ser tanto aquele que exerce a violência sobre os mais fracos ou um modelo que serve de contraponto ao desenvolvimento intelectual.

Outro dado trazido pela pesquisa é a indicação de um aluno com deficiência sensorial ser mais acolhidos do que outros, entretanto isso não significa que em circunstâncias que envolvem desempenho intelectual ou físico ele não seja preterido em relação aos demais colegas

Pelo constatado as situações de *bullying* estão, em certa medida, relacionadas com hierarquias oficiais e a competição guiada pela valorização dos que se saem melhor nas atividades avaliadas, reproduzindo-se na escola os valores da sociedade, referendando a afirmativa de que a competição individual é suscitada socialmente e fortalecida na vida escolar.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução de W.L. Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. In: **Psicologia Escolar e Educacional**. (Impr.), Campinas, v. 12, n. 2, p. 469-475, Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572008000200020&lng=en&nrm=iso>. acesso em 7 Jul. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000200020>.

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. In: **Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 33-41, Apr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000100004&lng=en&nrm=iso>. acesso em 8 Jul. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000100004>.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 2017

BOGDAN, Robert O.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Ed. Porto, 1982

CROCHIK, José Leon. Fatores psicológicos e sociais associados ao *bullying*. In: **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 211-229, ago. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2012000200003&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 7 jul. 2020.



CROCHIK, José Leon. Formas de violência escolar: preconceito e bullying. In: **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, n. 3, p. 29-56, jan. 2016.

CROCHIK, José Leon; CROCHIK, Nicole. **Bullying, preconceito e desempenho escolar**: uma nova perspectiva. São Paulo: Benjamim Editora, 2017.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FRANCO, Maria Laura P.B. **Análise do Conteúdo**. 2 ed. Brasília, Liber Livro Editora, 2007.
FREIRE, Isabel P.; SIMAO, Ana M. Veiga; FERREIRA, Ana S. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar portuguesa. In: **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 19, n. 2, p. 157-183, 2006. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872006000200008&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 10 jul. 2020.

FREUD, Sigmund. El malestar en la cultura. In: BRAUSTEIN, Nestor A. (Org.) **A medio siglo de El malestar en la cultura de Sigmund Freud**. Tradução de J. L. Etcheverry. México: Siglo Veintiuno, 1986. p. 22-116.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

JUVONEN, Jaana; WANG, Yueyan; ESPINOZA, Guadalupe. Bullying experiences and compromised academic performance across middle school grades. In: **Journal of Early Adolescence**, v. 31, n. 1, p. 152-173, 2011.

LEVANDOSKI, Gustavo; LUIZ CARDOSO, Fernando. Imagem corporal e *status* social de estudantes brasileiros envolvidos em *bullying*. In: **Revista Latinoamericana de Psicologia**, Bogotá, v. 45, n. 1, p. 135-145, Jan. 2013. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-05342013000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 Nov. 2020.

LOPES NETO, Aramis A. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro. v.81, n.5(supl), p. 164-172, 2005.

MARTINS, Maria José D. O problema da violência escolar: Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. In: **Revista Portuguesa de Educação**, 18(1), 93-105, 2005.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Difel, 1984.

MEHTA, Sharmila B. et al. *Bullying* climate and school engagement in ninth grade students. In: **Journal of School Health**, v. 83, n. 1, p. 45-52, 2013.

OSTBERG, Viveca. Children in classrooms: Peer status, status distribution and mental well-being. In: **Social Science & Medicine**, 2003 56, 17-29

PALACIOS, Marisa; REGO, Sergio. Bullying: mais uma epidemia invisível?. In: **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 3-5, Apr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022006000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 Jul. 2020.



<https://doi.org/10.1590/S0100-55022006000100001>.

PONCE, Anibal. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Cortez, 1994.

STROM, Ida Frugård. et al. Violence, *bullying* and academic achievement: a study of 15-year-old adolescents and their school environment. In **Child Abuse & Neglect**, v.37, n. 4, 2013.

Recebido em: 30/11/2020

Aceito em: 12/04/2021